

Com respeito e afeto, Marcelo de Resende

With respect and affection, Marcelo de Resende

Ana Luiza Cerqueira Freitas

*Figura 1: Marcelo de Resende e sua companheira Regina Coeli de Oliveira Torres, em Belo Horizonte.
Fonte: Acervo da Escola de Design (2012).*



Na noite do dia 13 de outubro de 2024, o design brasileiro perdeu um de seus mais generosos protagonistas: Marcelo de Resende, pioneiro no exercício profissional e no ensino do Design em Minas Gerais e no Brasil. Graduou-se em Desenho Industrial pela Universidade Mineira de Arte (UMA) em 1966 (Figura 1). Em 2016 conversamos sobre isso quando eu pesquisava sobre a criação do curso de Desenho Industrial da UMA. Perguntei para ele como teve conhecimento sobre o curso.

Conhecido na família como “artista” e enquadrado no excesso de contingente no Exército e sem saber o que fazer, fui informado por um tio que trabalhava no Interplanus (escritório de planejamento urbano) que funcionava no prédio do antigo Colégio Mineiro no Barro Preto que havia um “Curso de Desenho” que também ocupava parte desse mesmo prédio. Fui visitar e coincidentemente estava havendo uma exposição dos trabalhos de formatura das primeiras turmas [...]. Eram projetos de ferramentas, móveis, marcas, embalagens etc., apresentados em pranchas muito bem diagramadas e me empolguei por aquilo que nem imaginava que existia. Imediatamente me inscrevi no vestibular, que constava de entrevista, uma prova escrita de história da arte e outra de desenho artístico.

UNIVERSIDADE MINÉIRA DE ARTE
ESCOLA DE ARTES PLÁSTICAS

ASSINATURA DO ALUNO: *Marcelo de Resende* FILHO DE: **CRISTIANO LOPES DE RESENDE**
E DE: **MARTA ROSALINA MADUREIRA DE RESENDE** NASCIDO EM: **BELO HORIZONTE** AOS **25** DE
NACIONALIDADE: **BRASILEIRA** DOCUMENTO MILITAR
MATRICULADO NOS ANOS DE: **1963**, **1964**, **1965**, **1966**
REGISTRADO A FOLHA DO LIVRO *Desenho Industrial* REGISTRADO
OBSERVAÇÕES: *conclusão: 17/12/66*
expedição 2ª via: 06/09/2000

Figura 2:
Documentos antigos
de registro para a
emissão de diploma.
Fonte: Acervo da
autora.

Ele formou-se em 1966, mas foi precedido por Eduardo Lopes da Silva, que se formou em 1963, e Roberto da Rocha Gonçalves, em 1965, que juntos com o Professor Radamés Teixeira da Silva, foram desbravadores.

Não só em Minas, mas também no Brasil (a ESDI estava recém lançada) o ambiente era pré-industrial, nem a Federação das Indústrias sabia o que era design. Realizávamos várias palestras em associação de classe, pequenas indústrias etc.

Ainda durante a graduação, fundou um escritório com os arquitetos Ricardo Mendes Mineiro (o Cadinho) e Érico Dirceu Weik. Pouco tempo após a sua formatura, trabalhou na L'Atelier Móveis em São Paulo. Em 1972, retornou a Minas Gerais para implantar e coordenar o setor de Design do Centro Tecnológico de Minas Gerais (CETEC) onde permaneceu até 1985. Sua atuação se estendeu por diversos estados brasileiros e países como Colômbia e México, sempre focada em projetos que integravam design e impacto social. Participou de iniciativas voltadas ao desenvolvimento regional e à formação de profissionais. Não parava. Suas investigações sobre design e cultura material, sobre os modos de vida e de criação, ampliaram horizontes e inspiraram gerações.

No ensino do design, algumas vezes ele comentou comigo não se considerar um bom professor, mas quando se tratava de pensar o desenho industrial na oficina, o discurso era outro. Ele foi aquele

professor que privilegiava o aprendizado pela prática. Marcelo destacava essa experiência como fundamental para pensar design. “Apesar das aulas serem somente pela manhã, ficávamos o dia inteiro e muitos finais de semana nas oficinas desenvolvendo protótipos e etc.”. Sua presença era discreta, mas firme. Era daqueles professores que compartilhavam as experiências projetuais. Seus alunos o reconheciam pelo acolhimento e pela provocação afetuosa, sempre estimulando a autonomia criativa e o pensamento crítico.



*Figura 3: Marcelo acompanhando a produção de protótipos na oficina do LBDI (SC).
Fonte: Acervo de Carlos Alvarado Dufour.*

Foi um privilégio trabalhar e conviver com ele no Laboratório Brasileiro de Design (LBDI), mesmo que por pouco tempo (Figura 2). É impossível falar de Marcelo sem reconhecer que a sua presença segue viva na memória de tantas pessoas que ele tocou com sua maneira única de estar no mundo e de pensar e olhar para o design brasileiro. O objetivo dessa breve narrativa foi reunir e compartilhar com os leitores os depoimentos de algumas destas pessoas, dentre tantas que ele cativou.

A quem teve a sorte de conviver com ele, ficam memórias de risos generosos, de encontros, de orientação profissional, de conselhos sutis e certos. A quem conheceu sua obra, sobeja a riqueza de um pensamento lúcido e sensível. A todos nós, fica o compromisso de manter viva a chama do que ele acreditava: o design como ferramenta de transformação.

Com respeito e afeto, Marcelo.

Depoimentos

Eduardo Barroso Neto, graduado em Desenho Industrial (FUMA), palestrante e consultor

MARCELO DE RESENDE (1944/2024)

Marcelo de Resende partiu ontem deixando um vazio na vida de muitos. Neste nosso país de pouca memória decidi fazer-lhe uma última homenagem escrevendo algumas palavras para compensar a falta.

Marcelo foi um dos pioneiros do design no Brasil tendo se graduado na UMA em Belo Horizonte, em 1966. Logo depois se mudou para São Paulo onde trabalhou na L'Atelier Móveis, desenvolvendo produtos inovadores e premiados, como um mobiliário escolar.

No final de 1972 foi convidado por Luiz Carlos Monteiro para voltar para Minas e implantar e coordenar o setor de Design inaugurando o CETEC, onde permaneceu até 1985.

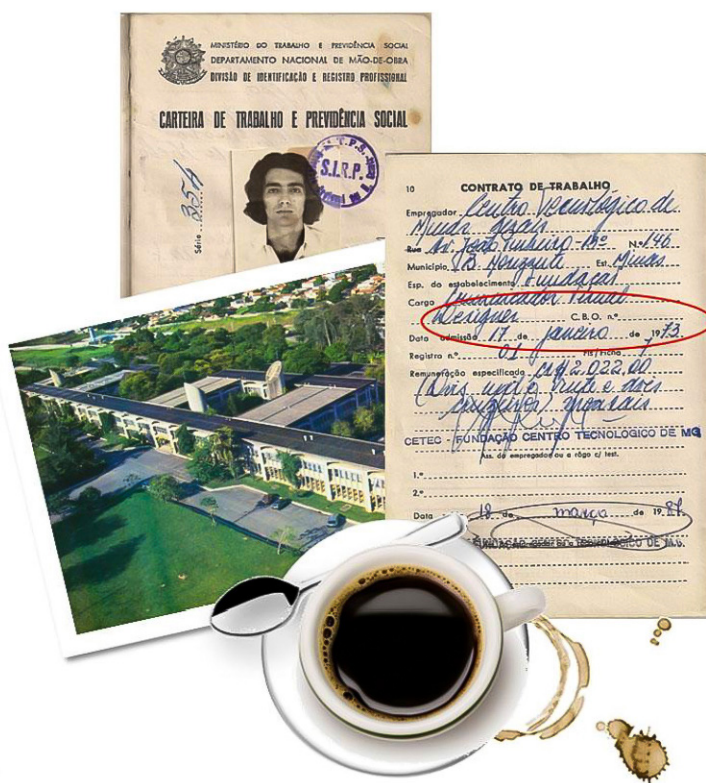


Figura 4: Ilustração sobre a criação do Design no CETEC de Eduardo Barroso Neto.

Fonte: BARROSO NETO, E. O nascimento do design em Minas Gerais. 24 abr. 2017. Disponível em: <http://eduardobarroso.blogspot.com.br/search/label/CETEC>. Acesso em 01 ago. 2025.

Em janeiro de 1973, apresentado por Cid Horta, fui convidado por Marcelo para integrar essa equipe, onde fiquei até 1979 quando consegui uma bolsa do CNPq para fazer meu mestrado em Design Urbano na Escola de Design de Lausanne, na Suíça. De volta ao Brasil, em 1981, fui convidado por Itiro Iida, para trabalhar com Gui Bonsiepe na implantação de um Programa Nacional de Design no CNPq. Uma das propostas dessa ação governamental era a criação de Laboratórios de Design no sul, sudeste e nordeste do Brasil. Indiquei Marcelo para assumir esse encargo no Nordeste, onde primeiro foi para Campina Grande e depois para Recife, permanecendo de 1985 até 1987.

Com a transformação do Laboratório de Florianópolis em Laboratório Brasileiro de Design – LBDI convidei Marcelo para compartilhar comigo esse desafio, onde conseguimos, nos dez anos que lá permanecemos, trazer mais de 200 colaboradores, entre estagiários, bolsistas e pesquisadores, de todo o mundo.

De Florianópolis fomos para Fortaleza em 1997 criar o Centro de Design do Ceará (CDC) responsável pela primeira geração de designers cearenses.

Com o término do CDC voltamos para Florianópolis e criamos em sociedade uma empresa de Design, junto com o designer mexicano Carlos Alvarado Dufour. Trabalhamos juntos em várias partes do Brasil, e também na Colômbia e no México, na maioria das vezes em projetos de design social.

Como designer as grandes influências de Marcelo foram primeiramente Dieter Rams, da Braun, nos anos 1970 e 1980, depois, Ettore Sottsass, do Grupo Memphis, a partir dos anos 1990.

Já como ser humano, Marcelo influenciou várias gerações com seu amor pela vida e por sua capacidade de atrair pessoas ao seu círculo de amizades, para os quais sua casa sempre permaneceu de portas abertas todas as horas do dia.

Seu humor crítico, sua sinceridade nua e crua, e sua aguda consciência social e política, aceitava e convivia com as diferenças, acolhendo e respeitando a opinião de todos.



*Figura 5: Tradicional almoço na casa de Marcelo, à esquerda, sua filha Joana Chaves de Resende a ao centro Maria Cristina Ribeiro Paiva (LBDI).
Fonte: Acervo de Marcelo de Resende.*

Cozinheiro amador e festeiro profissional pagou com um fígado seus excessos, mas não lhe tirou o prazer de viver e foi levando como pode até os oitenta anos.

Uma vida longa, cujo maior patrimônio foi as dezenas de amigos espalhados pelo mundo, que hoje choram sua partida. Fomos companheiros de projetos, sonhos e utopias durante cinquenta anos, cujas histórias dariam um livro de boas recordações que tenho o privilégio de tê-las comigo.

Vá em paz companheiro e dê um abraço no Cadinho, no Marcinho, no Chiari, no Dinho, no Cláudio, no Cid, no Éolo, no Veveco e em tantos outros que te esperam pra tomar uma do outro lado, já que por lá isso deve estar liberado.

Roberto Werneck Resende Alves, graduado em Desenho Industrial (FUMA) e professor emérito da Escola de Design/UEMG

MARCELO DE RESENDE, O MEU GRANDE MESTRE.

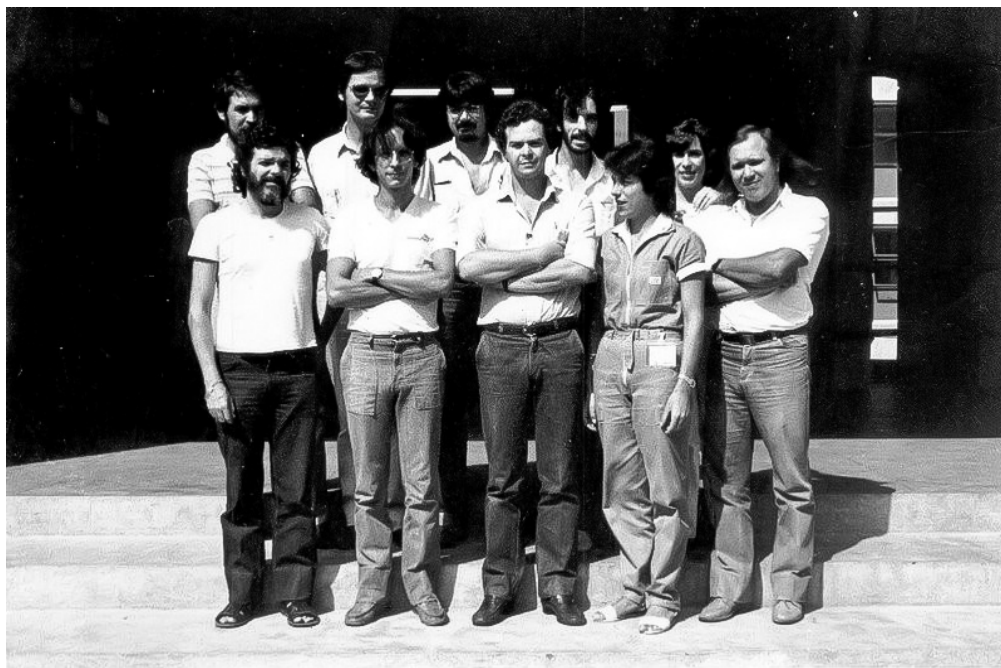


Figura 6: Equipe do Setor de Desenho Industrial do CETEC, em 1982. Atrás: Marcelo Matos (Setor de Tecnologia Mineral), Osvaldo Coutinho do Amaral, Antônio Macedo (Setor de Testes Físicos), Ricardo Mineiro, Olinda Dias. À frente: Eustáquio Lembi, Alceu Castelo Branco, Roberto Werneck Resende Alves, Terezinha Lopes (secretária) e Marcelo de Resende (coordenador). Fonte: Arquivo pessoal Roberto Werneck Resende Alves.

Marcelo de Resende nasceu em Belo Horizonte onde também foi bacharelado em Desenho Industrial pela UMA.

Iniciou sua carreira profissional em 1967, atuando no desenvolvimento de produtos para os segmentos de mobiliários, utilidades domésticas, embalagens entre outros.

Bem no início dos anos de 1970, Marcelo foi contratado como designer pela L'Atelier Móveis, em São Paulo, onde desenvolveu e assinou uma linha de móveis de escritório e escolar, com tempos e assentos moldados em resina ABC e com estrutura tubular – uma inovação para a época.

Logo em seguida foi convidado para criar o Setor de Design no recém-fundado Centro Tecnológico de Minas Gerais (CETEC). Em 1972 assumiu a coordenação do Setor, onde permaneceu por 12 anos, aproximadamente. Nesse período o Setor de Design passou a ser uma das maiores referências em design, nacionalmente.

Após seu retorno à cidade natal, começa, paralelamente às suas funções no CETEC, a lecionar a disciplina de Planejamento de Projeto na escola onde se formou.

Quando saiu do CETEC compartilhou seus conhecimentos e experiências com diversas outras instituições e universidades brasileiras.

Seu currículo é muito extenso e não daria para relatá-lo neste pequeno depoimento. Além de um competente profissional, era, também, um líder nato. Um influenciador. Era tão carismático que as pessoas que conviviam diariamente com ele, com o passar do tempo, acabavam absorvendo seus gestos e expressões faciais.

Convivi com o Marcelo desde que entrei para o CETEC como estagiário. Durante o dia, no trabalho, meu coordenador; à noite, na escola, meu professor. Com pouco tempo nos tornamos bons amigos.

Marcelo foi o meu grande mestre. Com ele aprendi a elaborar uma proposta de projeto bem fundamentada, a projetar, a coordenar, a fazer relatórios e a me relacionar com os clientes. Entre os trabalhos que realizamos juntos, acredito que os projetos dos Mobiliários Urbanos, Diagnóstico da Indústria Moveleira e o do Triciclo Urbano (uma iniciativa pessoal), foram os que mais contribuíram para o meu crescimento profissional.

Trabalhávamos bastante, mas em um ambiente alegre, saudável e muito democrático. Ele não se impunha como um chefe e sim como um amigo. Me lembro de um episódio que ilustra bem essa convivência:

Certa vez, estávamos selecionando algumas fotos de projetos desenvolvidos pelo Setor de Design para produção de um catálogo. Olinda Dias Martins (fotógrafa do Setor) e eu fizemos uma seleção inicial dos cromos. Depois disso nos reunimos com Marcelo e Ricardo Mendes Mineiro (o Cadinho) para definirmos as imagens que seriam usadas. Marcelo já naquela idade em que a maioria das pessoas precisam usar óculos, se recusava a ir ao oftalmologista e passava vergonha a todo momento por não enxergar nitidamente.

Quando tinha que ver alguns pequenos detalhes, socorria os amigos ou lançava mão de sua ferramenta preferida – a LUPA. E assim ia analisando e selecionando as imagens.

Em certo momento a secretária da Coordenação chegou e disse que havia uma ligação telefônica aguardando pelo o Marcelo. Ele se levantou e foi atender.

Nesse intervalo, Cadinho, em sua inquietude natural, pegou a LUPA e ficou examinando-a. Desatarraxou o cabo, retirou a lente, atarraxou-a novamente e a deixou exatamente no mesmo lugar.

Marcelo retornou, assentou, pegou um novo cromo com a mão esquerda e com a outra mão a LUPA. Aproximou os dois objetos e, como não obteve a nitidez da visão desejada, distanciou e aproximou os objetos novamente. Repetiu esse gesto algumas vezes até que exclamou: “PQP, tô cego!” Rimos tanto que tivemos de interromper o trabalho por alguns instantes.

Marcelo, mesmo tardiamente, agradeço por tudo.

Pedro Paulo Delpino Bernardes, graduado em Desenho Industrial (FUMA), professor e consultor

MARCELO DE RESENDE... NÃO POSSO DIZER QUE CONHECI MARCELO DE RESENDE LITERALMENTE.

Tenho pensado nisso desde o seu falecimento que, nas palavras dele, talvez fosse uma radical fadiga de material.

Em 1969 descobri com Regina Rocha o curso de Desenho Industrial da UMA. Esse momento mágico ficou para sempre registrado em minha feliz imagética que, certamente, não é o caso de narrativa neste espaço. Posso afirmar com certeza que esse momento alterou significativamente o sentido de minha existência. Foi algo maravilhoso. Onírico!

Na sequência, preciso descrever rapidamente o cenário/arquitetura do curso de Desenho Industrial. Um prédio que ocupava um quarteirão inteiro na Avenida Augusto de Lima, no centro de Belo Horizonte. Lugar que nos protegia dos ruídos vulgares, onde o tempo era marcado por compassos longos em ritmos que até então não poderia ter imaginado. Tudo a ver com as experiências a mim apresentadas, conhecendo muitas pessoas excepcionais, maravilhosas física e mentalmente [...] A descoberta de cada cantinho, cada escada, cada passagem secreta ou misteriosa foram entrando na minha cabeça e impactando tardiamente minha traumatizada adolescência. Tudo bem, tudo ótimo ao olhar distante.

Já tinha ouvido falar de Marcelo de Resende, mas confesso, ainda seria uma lenda, uma figura mitológica naquele mundo ainda errôneo do chamado Desenho Industrial. Termo que bagunçou muito negativamente, minha passagem por essas bandas. Prosseguindo, as aulas na UMA aconteciam em espaços generosos, e assuntos diversos me conduziam a buscar informações, não sabia onde [...] uma revolução mental impossível de ser dividida com parceiros, conhecidos, amigos, ou quem quer que fosse. Pra mim, ninguém me compreenderia. Ótimo isso! E, verdadeiro Uau.

Numa aula bastante surreal do mestre Radamés Teixeira da Silva que passeava por planos imaginários descritos em modelos práticos, os pontos abstratos eram registrados e rebatidos em épuras, que permitiam ser localizados magicamente[...]. Eu ficava enlouquecido com aquilo. Nessa mesma manhã passei pela biblioteca, uma salinha modesta com relativamente poucos livros e fiquei divagando, folheando páginas sem saber porque, colecionando revistas sobre uma mesa já cheia de exemplares... Tchan!! Fui salvo pela entrada repentina do professor Radamés Teixeira que me perguntou se eu conhecia Marcelo de Resende, ex-aluno da UMA. Respondi que não o conhecia e ele me impôs imediatamente a missão de fazer um contato com ele, que estava naquele momento na sala de aulas de cerâmica. Eu deveria ir lá e saber dele como estavam as tratativas de implantação da equipe de Desenho Industrial do CETEC. Na cabeça do professor Radamés poderia ser um ato de procurar uma vaga experimental, um estágio ou coisa parecida. Talvez isso. Ou simplesmente um exercício de repertório social para um cara que não conversava com muita gente. No momento achei sensacional. E fui caminhando pelas escadarias, cruzando com pessoas, colegas, conhecidos, sem fazer nenhum comentário. Eu realmente não sabia o próximo capítulo.

Cheguei! Vi ao longe o cara, imponente. Longa cabeleira loura, barba rala, roupas diferenciadas. Conversava com outra figura para mim desconhecida. Me bloqueei e fiquei trancado na decisão

e, petrificado, não conseguia me aproximar. Caramba!! Chegar perto de um mito não é fácil para mim, nunca foi. Mas fui empurrado pelo compromisso da missão. Imaginei o professor Radamés me perguntando como teria sido a conversa. Caramba! Que fria! Fui me aproximando, ou tentando me aproximar com inibição e, de repente, de cabeça baixa falei a frase travada. Uma pergunta sobre o momento daquela que seria a formatação da equipe, ou algo do tipo. A sensação foi cinematográfica para mim. Eu sem olhar ou sem enxergar o cara, fiz uma pergunta e fiquei outra vez congelado. Quando me dei conta e levantei a cabeça, o mito tinha desaparecido. Dei uma varrida de 360 graus tentando medir o tamanho da situação piegas que tinha produzido. Fiquei tempos macerando essa cena, sem que o mestre Radamés me perguntasse algo a respeito. Ainda bem!

Mas meu Santo é forte. Ou foi. Passado algum tempo, num movimento inverso e também sensacional, fiquei muito amigo de Ricardo Mendes Mineiro, arquiteto e professor da UMA na ocasião. Ficamos amigos do nada. Outro ponto que surgiu da mesma época passada e que em algum rebatimento extra nos proporcionou encontros diversos, importantes de conversas mais ainda. Complementando, Ricardo Mendes Mineiro e Marcelo de Resende eram superamigos, sócios em um escritório que nunca conheci, mas que existia. O tempo passou, como sempre, muito rápido porque a época era de descobrir, inventar, aprender do nada, quando questionamentos ficavam ecoando até se transformarem em algo palatável.

Ainda em contatos do terceiro grau, pude reconhecer no Marcelo uma personalidade muito bacana, dócil, sincera, pensante, sensível social e politicamente. Uma receita que para mim seria e é fundamental para exercer a missão do atual design. Marcelo foi pra mim um elo de conexão dos questionamentos que podem ou devem fazer parte de projetos justificando as necessidades reais de “materialização”, conjugando com o meio ambiente, as etnias, e o diálogo constante entre os diversos personagens.

Para mim, supernormal a coleção de amigos e amizades que faziam parte de sua existência. A casa sempre cheia de amigos que o idolatravam e festejavam continuamente. Tudo isso e ainda fiel aos amigos, que erroneamente o fizeram também frágil, perseguidor de uma maravilhosa e invejável utopia de vida.

No dia de seu falecimento recebi duas mensagens. A primeira me informando sobre o acontecido, mas desconhecendo a sequência do ritual e a segunda, me perguntando quando e como seria a despedida do amigo. Fiquei outra vez sem chão, mas pensando infinitamente na trajetória desse todo. Meu filme não parou de rodar por um grande período. Foi ótimo! Passei com Marcelo por vários momentos e situações registradas para sempre nos meus arquivos fundamentais.

Percebi que Regina, companheira do Marcelo, estava presente em muitos momentos, inclusive fora da cronologia. Muito bom isso. Maravilhoso. No automático escrevi uma mensagem para ela: *"Olá Regina... me despedi do Marcelo com humildade. Pensei bastante nele desde sempre e foi muito bom. Enquanto isso você estava sempre no cenário e essas palavras meio que brotaram na minha imaginação. Um grande abraço e conte conosco. Pierre."*

Regina – que rege, regeu e regerá a história do amado. Uma constante vida a dois, de dois, de muitos dois...depois e para sempre. Mas quem sou eu, antes do depois??!

Marcelo sempre me chamou de Pierre. Me descobriu como um outro personagem mais fácil talvez de dialogar. Meu santo é forte.

Dijon De Moraes, graduado em Desenho Industrial (FUMA) e professor emérito da Escola de Design/UEMG

PORTAS ABERTAS PELO MARCELO DE RESENDE



Figura 7: Marcello de Resende e Dijon De Moraes durante o evento 4th international Forum of Design as a Process, realizado em Belo Horizonte em 2012, ocasião em que Resende recebeu a Premiação do Design Processes Award concedida aos designers Gui Bonsiepe e Marcelo de Resende.

Fonte: Acervo da Escola de Design (2012).

Um dia, durante as aulas como assistente do Marcelo de Resende na FUMA, ele me falou sobre um projeto que realizaria e que precisava de uma pessoa para auxiliá-lo. Foi assim que iniciei a minha colaboração com a Quartzil Informática S.A, que naquela época se propôs ao desafio de produzir computadores e demais periféricos em Minas Gerais.

Isso ocorreu por estratégia do governo militar, que tinha criado a “Lei de Reserva de Mercado” para esse setor. Além disso proporcionou incentivos à produção de *hardwares* e *softwares* no Brasil, cujas normas reguladoras estavam contidas justamente na conhecida “Lei da Informática”, que concedia incentivos para empresas do setor de informática em busca de acelerar a pesquisa e o desenvolvimento tecnológico no Brasil e suprir com produtos nacionais o crescente mercado interno. Fruto dos incentivos provenientes dessa Lei, foram criadas diversas empresas produtoras no país. Em Minas a Quartzil foi a pioneira, e por razões de incentivos fiscais montou a sede da empresa em Belo Horizonte, mas a fábrica foi instalada na cidade de Montes Claros, no norte de Minas, na região de incentivo fiscal da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE).

O contrato do Marcelo era para projetar o Microcomputador QI-900, uma evolução do Micro QI-800 desenvolvido anteriormente pela equipe de designers do CETEC. A Quartzil, buscando agilidade e criar uma mentalidade interna em desenvolver seu próprio design, convidou o Marcelo para executar esse projeto como profissional autônomo sem a participação do CETEC. Esse trabalho do QI-900 eu fazia com o Marcelo dividindo o tempo com o trabalho que desenvolvia na empresa de móveis Fortma, pois era um projeto que teria um tempo de duração previsto para seis meses.

Durante o projeto do QI-900 surgiu o pedido de um novo projeto que era o microcomputador portátil QI-200, que serviria para armazenamentos de dados para profissionais que trabalhavam na CEMIG e na COPASA¹, duas companhias públicas mineiras de energia e de abastecimento de água. O sucesso desses projetos desenvolvidos com o Marcelo levou a Quartzil a me convidar para continuar e montar o próprio setor de design na empresa, sendo que o Marcelo partia para outros desafios ao ser convidado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) Para fazer a gestão do LBDI junto ao Eduardo Barroso Neto, em Florianópolis. Assim, vem descrito no Boletim Informativo da Quartzil Informática S.A, em dezembro de 1984:

Um trabalho que alcançou resultados tão convincentes acabou por render frutos mais permanentes. A partir dessa experiência, a Quartzil convidou Dijon De Moraes para iniciar na empresa a implantação de um núcleo próprio de desenho industrial, que já está sendo estruturado [...].

Em agosto de 1984, aos 23 anos de idade, eu tive a minha carteira de trabalho assinada como desenhista industrial pela Quartzil Informática S.A, com um salário inicial no valor de Cr\$680.232,00 (seiscentos e oitenta mil e duzentos e trinta e dois cruzeiros), o que representava na época de salários mínimos.

Só tenho a dizer com estima e admiração, obrigado Marcelo.

João Calligaris Neto, designer, professor.

MARCELO DE RESENDE, ETERNO!

Genuíno Industrial Designer incontestado, apaixonado pelo Brasil, sua música, praias, gastronomia e artesanato! Como poucos, exaltava a fina flor da nossa cultura popular. Hoje o Design brasileiro fica mais pobre com a nota da sua partida. Oxalá nosso maestro, você é único, obrigado por tudo!

¹ As siglas referem-se à Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG) e Companhia de Saneamento de Minas Gerais (COPASA).

João de Souza Leite, graduado em Desenho Industrial, professor da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI/UERJ)

VIVA MARCELO, QUE TEVE UMA BELA PASSAGEM POR AQUI!

Conheci Marcelo de Resende ainda com rabo de cavalo em 1967, quando representei a ESDI em um seminário sobre design ao qual Katinsky também compareceu.

Fui visitar a FUMA e lá encontrei Érico Dirceu Weik e Marcelo de Resende alucinadamente executando cadeiras para bares mineiros. Os dois fizeram enorme quantidade de projetos (imagine, bares mineiros em 1967 com cadeiras com desenho próprio!!) que eles mesmos executavam! Seguramente era uma visão aquela cena!

Depois, por minha proximidade com João Delpino, acompanhei algumas de suas peripécias enquanto ele estava no CETEC, onde atuava um grupo interessantíssimo.

Passaram-se os anos, em uma ida, se não me engano em 1989, a Canasvieiras, tornei a vê-lo e saber dele no Laboratório Brasileiro de Design (LBDI).

Então, uma vez em Fortaleza para uma consultoria ao Sebrae, entrei em contato com Marcelo, que morava lá naquela ocasião e convidei-o para viajar comigo pelo sertão cearense em visitas a inúmeras indústrias do setor moveleiro.

Lá fomos nós, num fusca dirigido por mim, ele no banco traseiro e, ao meu lado, um representante do sindicato patronal do setor.

Tivemos um almoço maravilhoso debaixo de um cajueiro e seguimos viagem.

Não havia sinal de telefone e nos surpreendemos quando o celular do rapaz do sindicato tocou. E funcionou o bastante para recebermos a notícia dos ataques aos EUA em 11 setembro! Ficamos apavorados. Lá no meio do Ceará, novamente sem sinal, parecia que o mundo estava indo pelos ares!

A ideia de sua presença nessa viagem era para que houvesse um designer que morasse em Fortaleza, que pudesse vir a ser um apoio para a distribuição de possíveis projetos resultantes das indicações do relatório da consultoria. Mas um episódio me pareceu que provavelmente não daria certo. Foi em uma das fábricas visitadas, onde o principal produto era cômodas muito simples com acabamento final em verniz de alto brilho. Ao passar por Marcelo que conversava com o dono da fábrica, ouvi uma tentativa apaixonada do nosso amigo em fazer com que o empresário trocasse o alto brilho por verniz fosco.

Saí dali como se estivesse na ponta dos pés.

Sempre me lembrei disso, achando muita graça.

Viva Marcelo, que teve uma bela passagem por aqui!

Carlos Alvarado Dufour (México), designer, professor e consultor

TRABALHAR COM O MARCELO FOI UMA DAS GRANDES E MELHORES EXPERIÊNCIAS DA MINHA VIDA

Foi em 1991 que conheci o Marcelo de Resende ao chegar ao LBDI. Durante esse ano trabalhamos juntos desenvolvendo diversos projetos e colaborando com outros designers.

Discreto, gentil e com grande personalidade, Marcelo sempre me surpreendeu com seu jeito muito particular de projetar, com uma visão aguçada e pragmática, e com ideias novas e soluções criativas.

Naquela época ainda não existiam programas de modelagem 3D e os computadores não eram acessíveis a ninguém, então tudo tinha que ser desenhado à mão. Marcelo não era um designer de esboços elaborados e bem apresentados, mas seus riscos eram focados em soluções funcionais e austeras, o que refletia seu jeito de ser [...]

Marcelo gostava muito de projetar coisas com uma certa complexidade, como mecanismos, moldes, montagens, etc., e dava grande importância à funcionalidade dos produtos, tudo o que ele imaginava sempre começava com um conceito que tivesse algum grau de inovação técnico ou tecnológico. Em contrapartida, era amante de objetos lúdicos e artesanais. Os seus tesouros eram constituídos por objetos muito diversos aos quais atribuía um valor especial, diferente do que seria comum e cotidiano.

Em 1994 reencontrei Marcelo para trabalhar em uma nova etapa do LBDI, o qual passou a integrar o Sistema da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC), como órgão descentralizado do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). Durante esse período de três anos viajamos muito pelo Brasil realizando diversas oficinas e *workshops*. Foi uma etapa cheia de novas experiências e aprendizados, cada oficina ou curso em que participamos representou um desafio criativo. Uma das mais interessantes foi a oficina de Bambu em Alagoas, onde foram desenhados múltiplos objetos e Marcelo, observando o processo de transformação do bambu, teve a ideia de desenhar um cabide apenas com dobras, isso para evitar montagens e acréscimos de peças do material, que com o tempo acaba sempre por se perder, este projeto viria a ganhar vários concursos.

Outro projeto interessante da época foi um posto salva-vidas itinerante para as praias do sul de Santa Catarina, e como sempre não faltou perspicácia e criatividade ao propor a utilização de um poste de luz como apoio ao posto salva-vidas, isto com o intuito de evitar custos elevados e prevenir o vandalismo, já que durante o inverno apenas o poste permaneceria nas praias.

Em 2000 nos reunimos novamente, mas agora no Dragão do Mar em Fortaleza (CE). Marcelo era o coordenador técnico do Curso de Design e eu fui convidado pelo designer Eduardo Barroso Neto a atuar como professor. Nessa época começamos a realizar projetos para empresas locais como eletrodomésticos e passamos muito tempo projetando e pensando em formar um escritório juntos. O Marcelo estava sempre inventando alguma coisa, ele projetava em qualquer pedaço de papel que encontrava, lembro-me muito dele sempre desenhando todas as ideias que fluíam na sua cabeça, as quais sempre discutimos antes de dar vida a elas.

Foi em 2006 que foi criado o escritório DR Design, em Florianópolis. Nessa época já tínhamos computadores. Marcelo não tinha conhecimento da utilização de programas de modelagem 3D, mas

os entendia perfeitamente, pois tinha uma capacidade mental que projetava na terceira dimensão e gostava de sentar ao lado do computador para dar opiniões constantes. Juntos desenhamos uma linha de produtos cerâmicos com a ideia de, futuramente, ter uma oficina de cerâmica. Esse sonho não foi realizado, mas alguns produtos foram fabricados com sucesso.

Mais tarde ele veio para o México e durante esta curta estadia viajamos juntos pelo país. Sempre com aquele olhar e sorriso que lembra a uma criança pequena quando era surpreendido pelo artesanato surreal local.

Em 2015 nos reencontramos no Workshop de Saberes e Sabores de Florianópolis (SC), ocasião em que a cidade de Florianópolis foi contemplada com o título de Cidade da Gastronomia pela UNESCO. Neste evento, um grupo de profissionais – designers, artistas, ceramistas – reuniu para desenvolver toda uma coleção de utensílios para servir a mesa dos restaurantes locais.

Trabalhar com o Marcelo foi uma das grandes e melhores experiências da minha vida, como pessoa sempre foi o melhor e como designer foi excepcional.

Sempre o terei como meu grande amigo!

Giselle Hissa Safar, arquiteta, professora emérita da Escola de Design/UEMG

UMA GRANDE PERDA PARA O DESIGN BRASILEIRO [...]

Sua ausência traz grande tristeza aos parentes, amigos e colegas.

A trajetória profissional de Marcelo de Resende foi muito rica e diversificada, sempre no contexto do design, tendo atuado junto a empresas, instituições governamentais e instituições acadêmicas em diferentes estados do país (Minas Gerais, São Paulo, Paraíba, Pernambuco, Santa Catarina e Ceará) e até internacionalmente (Colômbia e México). Ao longo do tempo desenvolveu projetos inovadores, alguns, inclusive, premiados, participou ativamente de programas e projetos cada vez mais direcionados a atender demandas sociais, atuou na gestão e na formação de profissionais.

Como professor e designer influenciou a formação de várias gerações de alunos, estagiários e jovens profissionais; como ser humano, foi capaz de reunir um vasto círculo de amigos atraídos não só pelas suas ideias, mas principalmente por sua capacidade de equilibrar a seriedade que dedicava ao trabalho com a alegria de festejar a vida. Da mesma forma, seu espírito crítico, sua consciência política e o crescente envolvimento com o design social não o impediram de acolher e respeitar as diferenças, razão pela qual era muito respeitado.

Que este pioneiro do design brasileiro não seja esquecido. Se o corpo de todos nós tiver prazo de validade, pelo menos nossa memória deve ser capaz de guardar e compartilhar suas realizações, ações e pensamentos que tanto contribuíram para o nosso design.

Sobre a autora

Ana Luiza Cerqueira Freitas é graduada em Desenho Industrial pela Fundação Mineira de Arte (FUMA), atual Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, Aperfeiçoamento de projeto no Laboratório Brasileiro de Design (LBDI), Mestre em Engenharia de Produção (UFMG), Doutora em Design (UEMG). Professora da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais. Atuação acadêmica e profissional em Design nas áreas de Produção Artesanal, Processo Criativo, Pesquisa, Planejamento, Gestão e Ensino do Design.

E-mail: ana.cerqueira@uemg.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8717886698179681>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3530-2298>